

O choque energético e as ambições geopolíticas de Putin, Raisi, Erdogan & Co.

A União Europeia encontra-se numa situação de particular vulnerabilidade face aos riscos que levantam as ambições das potências regionais do Médio Oriente.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 26 de Julho de 2022

1. Até um passado recente, a história dos choques energéticos era sempre a mesma. Passava por um monótono apontar do dedo à crónica instabilidade do Médio Oriente e à interferência das grandes potências neste: crise político-militar devido à nacionalização do canal do Suez em 1956-1957 pelo Egipto de Nasser; embargo petrolífero dos membros árabes da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) ao Ocidente, na sequência da guerra Israelo-árabe de 1973; revolução iraniana de 1978-1979, que depôs o Xá Mohammad Reza Pahlavi e rompeu com os EUA; guerra entre o Iraque e o Irão de 1980-1988; guerra do Kuwait em 1990-1991 devido à sua invasão e tentativa anexação feita pelo Iraque; e invasão do Iraque pelos EUA em 2003 para derrubar Saddam Hussein.

Em 2022, com a [invasão da Ucrânia](#), a Rússia conseguiu suplantar o Médio Oriente no *ranking* de perturbador número um dos mercados energéticos. Para a União Europeia, largamente vulnerável em termos energéticos, este é um dado geopolítico novo, que deveria merecer a maior atenção e prudência. Face ao braço-de-ferro com a Rússia ligado ao fornecimento de petróleo e gás natural, qualquer choque energético adicional será completamente desastroso para a sua economia. Todavia, como a instabilidade crónica do Médio Oriente não desapareceu, há um risco que parece não ter entrado nos cálculos dos decisores europeus: ficar sob o efeito de um duplo choque energético.

Neste cenário, para além do já provocado pela invasão russa da Ucrânia, um novo conflito político-militar no Médio Oriente, em simultâneo, amplificaria as ondas de choque nos mercados da energia. É um risco geopolítico meramente teórico ou baixo? Talvez não.

2. Para avaliar a dimensão do risco geopolítico, importa olhar primeiro para o contexto da energia dos últimos anos. Um dos efeitos maiores da transição energética em curso foi levar os países da OPEP e outros não-OPEP, desde logo a Rússia, a procurarem concertar actuações nos mercados internacionais. (A outra motivação foi a revolução do *shale oil* e do *fracking* nos EUA, que voltou a colocar o país no topo da produção mundial). Face à ameaça de perderem gradualmente os lucrativos mercados da União Europeia e dos países industrializados mais antigos, como os EUA, Japão e outros, passaram a combinar formas de actuação (ainda que não isentas de desentendimentos), para prolongar, o mais possível no tempo, o elevado retorno do rendimento da venda de combustíveis fósseis.

Foi por isso que em 2016 a OPEP acordou com outros países não-membros do cartel coordenar a venda de petróleo nos mercados internacionais surgindo, assim, a OPEP+ que inclui a Rússia.

Olhando para essa transformação, duas notas de natureza geopolítica devem ser registadas. Ao contrário do passado, os interesses da Rússia e dos tradicionais produtores e exportadores de petróleo do Médio Oriente cada vez mais convergem (todos ganham com os preços elevados do petróleo e gás natural e com o prolongar da dependência dos combustíveis fósseis). Comparativamente à União Europeia, a posição dos EUA ficou ainda mais favorável do que já era termos energéticos, pelo retorno a um lugar cimeiro da produção mundial.

3. No caso da União Europeia, em termos energéticos, as sanções económicas à Rússia têm como objectivo autonomizá-la do fornecimento de petróleo e gás natural, tirando à Rússia receitas cruciais para a sua economia de guerra.

Mas ter sucesso nesse objectivo é uma tarefa complexa, morosa e exposta a grandes riscos geopolíticos no percurso. Nos meses e anos imediatos, a União Europeia vai ficar, ainda mais, dependente da energia oriunda de países do Médio Oriente. No curto prazo, não há possibilidade de implementar alternativas de abastecimento suficientes ligadas a energias renováveis, ou ao gás natural liquefeito, com outras proveniências não problemáticas em termos geopolíticos, como os EUA ou o Canadá. São necessários investimentos em infra-estruturas e outros que vão demorar anos a implementar. Assim, o que ocorrer nos próximos tempos no Médio Oriente vai ser crítico.

A União Europeia encontra-se numa situação de particular vulnerabilidade face à competição em curso entre grandes potências e aos riscos que levantam as ambições das potências regionais do Médio Oriente.

Com a guerra na Ucrânia, estas procuram tirar partido do contexto geopolítico para prosseguirem com os seus próprios objectivos. O ambiente é propício a extorquir concessões das grandes potências. Não é coincidência que, no espaço de uma semana, o Médio Oriente tenha sido visitado pelos presidentes dos EUA e da Rússia. São parte de esforços rivais que competem pela influência na região. No caso de [Joe Biden](#), foi procurar que a Arábia Saudita aumentasse a produção de petróleo, fazendo descer o custo da energia, e criar uma coligação para conter o Irão. No caso de Vladimir Putin, foi mostrar que não estava isolado e que terminou a era unipolar dos EUA/Ocidente tal como proclama nos seus discursos.

4. Há dois países que merecem uma particular análise, embora por razões substancialmente diferentes: o Irão (que está posicionado campo da Rússia, apesar de ter um interesse próprio que não é o da Rússia) e a Turquia (que joga no campo do Ocidente/EUA, ou da Rússia, conforme as conveniências). No caso do Irão, o objectivo maior é afirmar-se como uma potência regional dominante, mais tarde ou mais cedo apetrechada com um arsenal nuclear. Assim, a guerra da Ucrânia foi particularmente bem-vinda. Fez aumentar os [preços do petróleo](#) e do gás natural do qual o Irão é um dos grandes produtores e exportadores, apesar das sanções a que está sujeito. Funciona

como distração face ao seu programa nuclear onde as negociações (indirectas) com os EUA parecem condenadas ao fracasso.

O contexto é tão favorável que o Irão até já assume, publicamente, ter capacidades para fazer uma bomba nuclear, se e quando o entender fazer. A recente visita de Vladimir Putin a Teerão e o encontro com Ebrahim Raisi, mostrou como a guerra e as sanções a que a Rússia foi sujeita pelo Ocidente são-lhe também convenientes, aproximando-a, ainda mais, dos interesses do Irão. Na Síria, ficou mais terreno livre para o Irão projectar a sua influência. Por último, sintomático da crescente sofisticação militar iraniana, é agora a Rússia, em estado de necessidade, se pode tornar compradora de equipamento militar iraniano, especialmente de *drones* do tipo Shahed-129 (até agora, o Irão era cliente das armas russas e não o inverso).

5. Se, para o Irão, a guerra da Ucrânia trouxe oportunidades de ganhos geopolíticos, para a Turquia também. O conflito fez passar Recep Tayyip Erdogan de um autocrata hostil às democracias liberais, para um parceiro imprescindível do Ocidente. A última semana correu-lhe particularmente bem. A mediação entre a Rússia e a Ucrânia e a assinatura, em Istambul, do [acordo](#) para desbloquear a exportação de cereais pela Ucrânia, através dos portos do mar Negro, é um trunfo diplomático a rentabilizar noutros terrenos. Tal como Putin, Erdogan foi oficialmente ao Irão para relançar do Processo de Astana para a paz na Síria. Mas, para Erdogan, a prioridade era testar a reacção russa e iraniana ao seu plano de um nova operação militar contra os curdos do Norte de Síria.

Após o seu sucesso diplomático na mediação entre a Rússia e a Ucrânia, ganhou mais força para exigir as compensações já pedidas ao Ocidente: a extradição de dezenas de curdos exilados na Finlândia e na Suécia, o fornecimento de material militar americano que estava bloqueado e a não-intromissão dos EUA na sua incursão militar contra os curdos. Com estas ambições geopolíticas no Médio Oriente, voltamos ao problema de partida. É plausível um duplo choque energético? Pela conjugação de circunstâncias já descrita, os próximos tempos devem ser vistos como de risco geopolítico elevado para a União Europeia. (Quanto aos EUA, estão numa posição muito mais confortável em termos energéticos e ganham com a exportação de gás natural liquefeito.)

Os pontos de atrito no Médio Oriente são muitos, desde o conflito israelo-palestiniano (sempre latente), passando pela instabilidade do Líbano (num precário equilíbrio sectário), até às guerras na Síria e no Iémen (em fase de baixa intensidade), chegando ao nuclear iraniano e às tentativas de Israel de o fazer fracassar (uma guerra na sombra em curso). Não são só as ambições geopolíticas de Vladimir Putin que devem preocupar os europeus. As ambições geopolíticas de Raisi, Erdogan & Co. podem também originar um cenário de pesadelo energético. Assim, ao choque provocado pela da Rússia é necessário adicionar o risco geopolítico de ocorrer um outro choque energético, em simultâneo, com origem no Médio Oriente. Cabe à Europa estar preparada para isso.

<https://www.publico.pt/2022/07/26/mundo/analise/choque-energetico-ambicoes-geopoliticas-putin-raisi-erdogan-co-2014947>